



A MONTAGEM NO *FOUND FOOTAGE* E SUA CONSTRUÇÃO NO DOCUMENTÁRIO *ROTINA*¹

Maykon Rodrigues²
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Resumo: A partir dos estudos de Jean-Louis Comolli (2008) e Sabrina Luna (2015), este trabalho explora o processo criativo da montagem no *Found Footage*, técnica de ressignificação de imagens pré-existentes para o alcance possível da narrativa; e apresenta ainda a construção do documentário *Rotina*, que utiliza tal técnica para demonstrar a rotina diária do trabalhador brasileiro e seus desafios.

Palavras-chave: Documentário. *Found Footage*. Montagem. Rotina.

Resumo Expandido

Com uma proposta de conduzir a narrativa através da técnica *found footage*, um recurso estético geralmente aplicado a tal domínio audiovisual, que “tem como premissa básica a realização de filmes com imagens pré-existentes” (LUNA, 2015, p. 28), é que foi criado o documentário *Rotina*. Essa produção consiste em apresentar a rotina diária do trabalhador brasileiro, de forma geral, do momento em que acorda, sai de casa, seu trajeto e desafios com o transporte público, até a chegada, e conclusão da sua jornada de trabalho.

Durante a pré-produção, ao avaliar as condições da realização, em detrimento de vários fatores limitantes para se executar a obra, como por exemplo, a ausência de financiamento e excesso de locações, o que chamou atenção naquele contexto universitário foi descartar a convenção da produção fílmica, e explorar o viés

¹ Trabalho apresentado à 8ª SAU 2019 - Semana do Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, UEG - Campus Laranjeiras. Foi desenvolvido na disciplina de Realização Audiovisual em Documentário, ministrado pelo Prof. Dr. Rafael de Almeida em 2017/02, e finalizado na disciplina Diversidade, Cidadania e Direitos, ministrada pela Professora Dra. Ceiza Ferreira, em 2019/01.

² Maykon Rodrigues é graduando no curso de Cinema e Audiovisual, da Universidade Estadual de Goiás. Como realizador, dirigiu algumas obras como o documentário “Rotina” (2019) e a websérie de ficção em comédia “Muquifo” (2019). E-mail: maykonrodrigues@me.com



experimental que o gênero documentário oferece com mais liberdade. Para Comolli (2006, p. 47) “quando realizamos um documentário estamos sim no reino da invenção, mas uma invenção que tem muito mais a ver com o experimento, o corpo, os afetos, e muito menos a ver com o intelecto, o plano, o roteiro”.

A escolha então pelo uso do *found footage* para a construção do documentário, onde “a etapa da filmagem, geralmente a mais dispendiosa em termos financeiros, materiais e pessoais, encontra-se ausente nessa prática” (LUNA, 2015, p. 28). Usando da montagem como principal potencializador e ferramenta para tal, o momento para dar início a próxima etapa: a pesquisa. Antes de adentrar nessa fase, é necessário ressaltar que a reflexão da montagem, não como técnica apenas, mas como recurso narrativo, antecipou o processo construtivo do filme, estabelecendo-se em três estágios principais, recrutados especialmente para essa obra: objeto, ritmo e contraste.

O objeto direcionou a pesquisa das imagens em vídeos, extraídos de sites de compartilhamento, como YouTube e Vimeo. Esse processo de busca considerou elementos ou situações específicas que remetem a determinados momentos do filme, como por exemplo, transporte coletivo, multidões e supermercados, criando assim uma biblioteca audiovisual, utilizada como um roteiro para a montagem.



Figura 1, exemplo de um objeto (entrando no ônibus coletivo), para direcionar a montagem na organização dos elementos e na construção da narrativa. (Fonte: YouTube)

O processo de montagem ao mesmo tempo que aqui serve para conduzir a narrativa, em determinados momentos também fica função dela. É nesse momento que acontece o segundo estágio da montagem, o ritmo. Este conduz os vídeos



majoritariamente, em um curto intervalo de tempo para cada um em exibição, assim não dando tempo de o espectador refletir sobre os vídeos individualmente, mas sobre o conjunto, a história. Contudo, a narrativa eleva o ritmo em momentos precisos, como por exemplo, dentro dos transportes coletivos e durante os expedientes, enfatizando a experiência de cansaço da rotina exaustiva daquelas pessoas para quem assiste.

O terceiro e último estágio da montagem, o contraste, não se refere à cor, mas à contraposição ao que estava sendo exibido anteriormente, como quebra de expectativa. Por exemplo, entre imagens panorâmicas do fim de tarde nas cidades, levando a entender se tratar do fim do expediente, o contraste é inserido com imagens bruscas de assaltos, dos circuitos de segurança, deturpando a construção narrativa linear, trazendo novos entendimentos.

Com o documentário finalizado, foi importante um teste de audiência para entender a relação público e narrativa por meio do *found footage*. Em primeira instância, diante de uma variação de interpretações e relativas dúvidas sobre a proposta do filme, em 2019, *Rotina* recebeu um importante recurso narrativo para guiar os acontecimentos: a narração. A inserção de tal elemento faria a interlocução entre acontecimentos e os personagens de trabalhadores, confirmando o uso das imagens como uma representação do real, e principalmente, efetivando e potencializando a reflexão proposta pelo filme.

Referências Bibliográficas

LUNA, Sabrina Tenório. *Found Footage: Uma Introdução*. Esferas, Brasília, n.7, p.27-36, jul. 2015.

COMOLLI, Jean-louis. *Ver e Poder: A inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.